



Circuito de Feiras Agroecológicas do Baixo – Munim/MA e trabalho como princípio educativo na vida das feirantes.

Agroecological fairs' Circuit of Baixo Munim/MA and labor as educative principle on the life of the fair dealers.

MEDEIROS, Giovanna Lemos¹; DORNELLES, Priscila Gomes²; ARAÚJO, Lucas Maciel;

¹UFRB, giovilemosm@gmail.com; ²UFRB, prsicaladornelles@gmail.com; ³UEMA, lucasmaciel.arq@hotmail.com

Resumo: A educação do campo é pautada pelos movimentos sociais e pela organização de educadoras/es que acreditam numa educação efetivamente do campo constituída considerando o princípio da diversidade dos sujeitos do campo. Assim, com este trabalho, visibilizamos a presença das mulheres como sujeitos do campo, evidenciando as relações desiguais e conflituosas de gênero, onde muitas vezes o acesso à educação escolar e/ou o reconhecimento da jornada de trabalho é negado. Deste modo, o objetivo é compreender como as mulheres da feira agroecológica e solidária do Circuito de Feiras Agroecológicas do Baixo Munim – MA localizam o nível de importância do acesso à educação formal e escolarizada e/ou a outros espaços educativos. O estudo apontou que a maioria das mulheres considera o acesso à educação escolar importante para a autonomia de suas vidas. Além disso, pontuaram que a feira agroecológica é uma forma de trabalho com princípio educativo, fazendo com que essas mulheres tenham acesso e promovam saberes não necessariamente estando dentro de uma sala de aula em um espaço formal.

Palavras-chave: Agroecologia; Mulheres; Educação do Campo; Gênero.

Keywords: Agroecology; Women; Field Education; Gender.

Abstract: The field education is guided by social movements and educators that believe on an education that's effectively field-related, composed considering the principle of diversity of individuals of the field. With this work, we make visible the presence of women as subjects of the field, pointing out the unequal and conflicted relations of gender, where many times the right to school education is denied to them, along with the recognition for their working hours. This way, the objective is to comprehend how women of the Agroecological and Solidary Fair of the Agroecological Fairs' Circuit of Baixo Munim/MA look at the importance level of access to formal and scholarized education and/or other educative spaces. The study pointed out that the majority of women considers the access to scholar education an important issue to the autonomy of their lives. Beyond that, accentuated that the agroecological fair is a form of work with an educative principle, so much that these women have access and promote knowledges even if they are not necessarily in a formal classroom.

Introdução

No Brasil, a educação é um direito garantido na Constituição Brasileira, onde todas/os devem ter acesso e permanência na escola. Porém, é comum perceber que a muitas/os este acesso foi negado, em todo território nacional. Quando se fala neste acesso relacionado à vida do campo, podemos perceber que a negação deste direito tem sido muito maior do que nas cidades. Caldart (2002) afirma que somos herdeiros/as e responsáveis pela construção da luta histórica de uma educação como



direito universal, sendo um direito humano desenvolvendo cada pessoa de maneira plena. A educação é um direito social, de participação crítica mais ativa na sociedade, ou até mesmo de cidadania. Sendo um direito, não deve ser tratada como serviço ou política compensatória, muito menos como mercadoria. Desde então, houveram alguns marcos normativos na Educação do Campo no Brasil, porém as demandas estão longe de acabar, os índices de analfabetismo no campo ainda são grandes, e para algumas/uns sujeitas/os este direito ainda é negado. Segundo Siliprandi (2010), trabalhadoras rurais, agricultoras familiares e camponesas, em geral, ainda vivem uma série de dificuldades em sua vida cotidiana, sobretudo em função da sua falta de autonomia econômica e pessoal. São também afetadas pela falta de infra-estrutura no meio rural, que dificulta as condições para o cumprimento das tarefas domésticas (busca de água, lenha, falta de condições sanitárias); assim como pela falta de estradas, escolas e postos de saúde. As mulheres camponesas continuam sendo invisíveis socialmente. Dessa forma, se faz importante compreender como a falta de acesso à escola e a educação reverberam na vida dessas mulheres do campo, como o trabalho agroecológico pode ser uma ferramenta de educação, transformando a vida dessas mulheres.

Metodologia

A pesquisa foi realizada em São Luís–MA, no circuito de feiras agroecológicas do Baixo Munim e contou com o apoio técnico da presente estudante do curso de pós-graduação em Educação do Campo na Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB em Amargosa e também com apoio de técnicos da Associação Agroecológica Tijupá.

O Circuito de Feiras Agroecológicas do Baixo Munim tem como objetivo, a partir de sua atuação em rede, ampliar o alcance econômico e educativo das feiras agroecológicas da Região do Baixo Munim, junto aos agricultores/as-feirantes participantes e consumidores/as locais, a partir da ação em rede que possibilite a construção do conhecimento agroecológico e econômico-solidário, valorizando as práticas e saberes da agricultura familiar, os produtos da sociobiodiversidade, os princípios e práticas do comércio justo e solidário, o trabalho feminino e a segurança alimentar e nutricional.

O projeto foi executado através de entrevistas que foram organizadas a partir de um roteiro de perguntas semi-estruturado com 5 mulheres/feirantes dos municípios de São Luís e Rosário, os dois situados no estado do Maranhão.

As entrevistas foram realizadas com as mulheres no momento em que aconteciam as feiras. O questionário foi dividido em seções, as quais indicavam a identificação das feirantes, aspectos pessoais, de trabalho, educacionais e econômicos.

Resultados e discussão

A pesquisa foi realizada com público 100% feminino, 5 entrevistadas. A faixa etária



dessas mulheres era de 2 jovens (40%) e 3 adultas (60%).

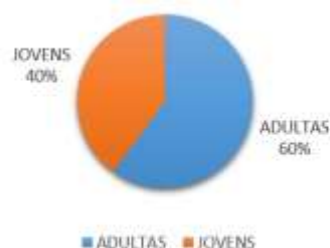


Figura 1. Faixa etária das mulheres feirantes entrevistadas

Todas as mulheres entrevistadas são autônomas, e não trabalham com carteira assinada. A média de renda retirada da feira é de R\$ 300,00 por mulher. Destes dados, 1 mulher não tem outra fonte de renda (20%) e 4 mulheres possuem outra fonte de renda (80%), sendo essas outras fontes, a lavoura, pesca e consultora da Avon/Natura).

Quando se fala em nível de escolaridade, 3 mulheres (60%) possuem ensino médio completo e 2 mulheres (40%) possuem fundamental incompleto. É importante ressaltar que as mulheres que tem o ensino fundamental incompleto, são as mulheres mais velhas, assim, é possível perceber que há uma mudança no acesso à educação no campo.

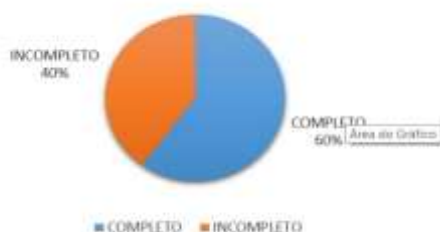


Figura 2. Nível de escolaridade das mulheres, feirantes do Baixo Munim, MA.

O papel da educação está para além da proposta que há hoje dentro das escolas no Brasil, denominada por Paulo Freire como uma educação bancária, onde há a hierarquização dos saberes, sendo as/os educandas/os depósitos de informações que não serão utilizadas na vida concreta, dentre outros fatores. De acordo com Paulo Freire (1987), a educação “bancária” do “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.

A educação deve ser emancipatória e transformadora. A importância de uma educação vai muito além da presença da escola na sociedade, é necessário que englobe não somente os saberes produzidos universalmente, mas também os saberes locais. É necessário que seja uma educação problematizadora. Todas as mulheres (100%) consideram a educação muito importante, considerando-a como “base de tudo”. Pois pela educação aprendem a respeitar e com isso, são respeitadas e que é importante para o convívio em sociedade, tudo se consegue através da educação. Uma das mulheres afirma que: “É importante pra gente saber educar outras pessoas, nossos filhos. E também pra gente aprender a ouvir os pequenos”. Quando



se fala na importância de saber ouvir “os pequenos” entende-se por isso, que é levado em consideração o saber e a visão de mundo das crianças. Havendo uma horizontalidade, mesmo que pequena, na forma de vida no campo.



Figura 3. Importância da educação para as mulheres feirantes do Baixo Munim, MA.

A vontade de continuar os estudos, é um desejo. Porém, quando foi questionado isso às mulheres, 1 mulher (20%) disse que tentou uma vez, mas que era cansativo e que o problema de vista atrapalhou, e por isso desistiu. 2 mulheres (40%) pensam em voltar a estudar. 1 mulher (20%) cursa pedagogia, 1 mulher (20%) se acha muito velha para continuar os estudos.

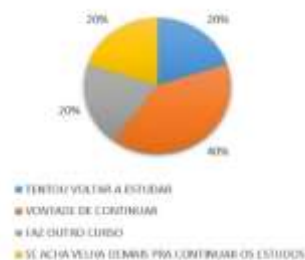


Figura 4. Perspectiva de continuar os estudos das mulheres feirantes do Baixo Munim, MA.

Todas as entrevistadas (100%) acreditam que o circuito de feiras agroecológicas e a pauta da agroecologia são uma forma de educação fora das salas de aula, pois além de ser outra forma de viver, aprende-se sobre solidariedade. Além das capacitações de produção de geleias, biscoitos, pasta de brilho, há também capacitações no sentido de economia solidária, ciência da tecnologia, agroecologia. Mostrando que há efetivamente vários tipos de aprendizados nos momentos de capacitação, nos momentos pré-feiras e nas feiras.

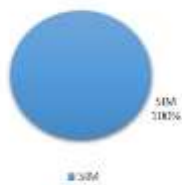


Figura 5. Opinião das mulheres feirantes sobre o circuito de feiras agroecológicas e pauta agroecológica enquanto ferramenta educativa.

As feiras agroecológicas na vida das mulheres do campo, é uma ferramenta fundamental para emancipação pessoal e de aprendizado, possibilitando que essas mulheres possam se reconhecer enquanto sujeitos com voz ativa no local em que



estão inseridas. As feiras agroecológicas também pode ser uma ferramenta para a educação, quando pensamos no trabalho como princípio educativo, colocando os trabalhos do dia-a-dia vinculado com a educação, é possível que haja essa troca tanto de ensino quanto de aprendizado em diversas áreas, desde história, cultura até gênero e feminismo.

Conclusão

As feiras agroecológicas se mostram como ferramenta de trabalho como princípio educativo na vida dessas mulheres, pois nos momentos de capacitação, nos encontros pré-feiras há o aprendizado também no que diz respeito a mercado, matemática básica, lucro, troco, pesagem, valor da sua própria mão-de-obra. Saberes que foram negados há essas mulheres, principalmente nas mulheres mais velhas que não concluíram a educação básica. Nesse sentido, percebe-se também que houve maior valorização e acesso da educação no campo.

Nota-se que é unânime o posicionamento de que a educação é de grande importância no campo. Porém é importante salientar qual educação se quer nesses espaços. Uma educação emancipatória e não voltada apenas para o desenvolvimento sócio-econômico, produzindo mão-de-obra para as grandes empresas.

Referencial Bibliográfico

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas / Edgar Jorge Kolling, Paulo Ricardo Cerioli, osfs, Roseli Salete Caldart (organizadores). Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo n.º 4.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres agricultoras no Brasil**: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar, 2010.